

Robert Vannoy , Samuels, Palestra 1

© 2011, Dr. Robert Vannoy e Ted Hildebrandt

O que eu quero fazer em uma série de quatro palestras é falar sobre os livros de Primeiro e Segundo Samuel e ver como o que está contido nesses dois livros importantes do Antigo Testamento se encaixa no enredo de toda a Bíblia. Então, esta é a primeira de quatro palestras sobre Primeiro e Segundo Samuel.

Quando alguém lê o Antigo Testamento, acho que uma das primeiras coisas que precisa ser considerada é o caráter literário ou o gênero do material que está sendo lido. Os livros de Primeiro e Segundo Samuel, aos quais daremos nossa atenção nestas palestras, encontram seu lugar entre o que é geralmente conhecido como os livros históricos do Antigo Testamento. Como os livros históricos têm um caráter literário diferente do que, por exemplo, os livros de direito ou os livros poéticos ou a literatura de sabedoria, eles exigem uma estratégia de leitura que seja apropriada ao seu caráter literário. Então, nestas quatro palestras sobre Primeiro e Segundo Samuel, quero começar dizendo algo sobre a natureza da escrita histórica do Antigo Testamento. Faço isso porque a maneira como entendemos a natureza da historiografia do Antigo Testamento tem uma influência muito importante na maneira como lemos e entendemos as narrativas de Primeiro e Segundo Samuel.

Então, deixe-me começar fazendo uma pergunta geral: Que tipo de escrita histórica encontramos no Antigo Testamento? E como uma avaliação adequada do caráter da historiografia do Antigo Testamento nos ajuda a ler e entender as narrativas do Antigo Testamento de forma apropriada? Então, quero continuar dizendo algo mais específico sobre como uma compreensão adequada da natureza da historiografia do Antigo Testamento nos ajuda a ler e entender os livros de Primeiro e Segundo Samuel de forma apropriada. Então, primeiro, deixe-me fazer alguns comentários gerais sobre o caráter da historiografia do Antigo Testamento. Quando falamos sobre os livros históricos do Antigo Testamento, temos os seguintes livros em vista: há, em primeiro lugar, os livros de Josué, Juízes, Rute, Primeiro e Segundo Samuel e Primeiro e Segundo Reis, todos ambientados no período pré-exílico. Além disso, temos Primeira e Segunda

Crônicas, que curiosamente abrem com uma genealogia que remonta a Adão e terminam com um decreto de Ciro, o governante persa em 538 a.C. Ele libertou os judeus do cativeiro babilônico, embora o foco principal de Primeira e Segunda Crônicas seja o período da monarquia em Israel. Então, além disso, há os livros de Esdras e Neemias que descrevem algo das experiências dos judeus que retornaram à sua terra natal após o exílio. E finalmente temos a história de Ester, que se passa na Pérsia entre os judeus que não retornaram à sua terra natal.

Então, há uma quantidade enorme de narrativa histórica no Antigo Testamento. Na verdade, se você contar os números de páginas na Bíblia hebraica, o que eu fiz em preparação para esta palestra, os livros que acabei de mencionar constituem aproximadamente quarenta por cento do Antigo Testamento. Se adicionarmos a isso as narrativas históricas do Pentateuco, e há muitas delas no Pentateuco, bem como os capítulos 36 a 39 do livro de Isaías, que também é narrativa histórica, bem como os livros de Jonas e Jó, se os classificarmos como narrativa histórica, então mais de cinquenta por cento do conteúdo do Antigo Testamento é narrativa histórica.

A presença de tanto material histórico no Antigo Testamento levanta uma questão importante. E essa questão é: Por que Israel tinha um interesse tão enorme em história? Por que Israel, de todas as nações do mundo antigo, tinha um desejo muito maior de registrar e manter a memória de suas experiências históricas do que outros povos do mundo antigo? E, além disso, por que Israel não só tinha um interesse maior em história e tradições históricas do que outros povos antigos, mas por que também desenvolveu um conceito único de história e escrita histórica?

Hendrikús Berkhoff, em seu volume *Cristo, o Significado da História*, disse que devemos agradecer não à Grécia, nem à Pérsia, mas a Israel por nosso senso de que a história é direcionada a um objetivo e que, como tal, tem significado. Geerhardus Vos, em seu volume *Biblical Theology*, afirmou que “o verdadeiro princípio da escrita histórica, aquilo que torna a história mais do que o registro de eventos porque descobre um plano e propõe uma meta, foi assim compreendido não primeiro pelos historiadores gregos, mas pelos profetas de Israel. Portanto, descobrimos também que a atividade entre

esses círculos inclui a historiografia sagrada, a produção de livros como Samuel e Reis, nos quais o curso dos eventos é colocado à luz de um plano divino em desenvolvimento. Um bom significado pode ser encontrado no antigo costume canônico de chamar esses escritos históricos de profetas anteriores”. G. Ernest Wright, neste volume *God Who Acts*, também chamou a atenção para o que ele descreveu como “a atenção peculiar de Israel às tradições históricas” e observou que o foco do Antigo Testamento não estava meramente em façanhas individuais de heróis e reis, não meramente em painéis da corte como a Crônica Babilônica, mas sim na unidade e significância da história universal desde o início dos tempos até o fim dos tempos. É no arcabouço dessa história universal que as crônicas de eventos individuais são definidas e, em última análise, recebem seu significado.” Poderíamos dizer então que Israel tinha o que poderia ser chamado de um conceito linear de história. A ideia de que eventos históricos tinham significado porque eram parte de um processo histórico que era proposital e que estava se movendo em direção a um objetivo. Essa ideia de que a história é progressiva e direcionada a um objetivo é provavelmente tomada como certa pela maioria de nós hoje porque na cultura ocidental nosso pensamento sobre a história foi forjado, em grande parte, por uma ideia judaico-cristã do processo histórico. Mas esse não era o caso no mundo antigo.

No mundo antigo, falando de modo geral, a história era concebida como cíclica e baseada na natureza cíclica dos processos naturais, como as estações do ano e o nascer e o pôr do sol regulares, ou oscilante, muito parecida com o movimento de um pêndulo, que balança perpetuamente para frente e para trás sem nenhum padrão significativo. Então a questão é: como e por que Israel passou a entender a história universal como um processo proposital e significativo, em contraste com outros povos antigos?

G. Ernest Wright fez essa pergunta há muitos anos e concluiu: "Nunca podemos ter certeza da verdadeira razão para essa visão israelita particular da natureza e da história". Ele então passou a especular que a visão de Israel sobre a história surgiu porque a reflexão sobre suas próprias experiências históricas levou Israel a inferir que Deus a havia escolhido como seu povo especial e por causa dessa inferência inicial e fundamental, Israel veio "a levar os eventos humanos a sério porque neles deveria ser

aprendido mais claramente do que em qualquer outro lugar o que Deus queria e o que Deus estava fazendo". Acho que devemos dizer, no entanto, que a resposta de Wright a essa pergunta é deficiente. Sua resposta não explica adequadamente por que outros povos antigos não fizeram inferências semelhantes a partir de suas próprias experiências históricas únicas e, então, também desenvolveram um conceito significativo de história.

De uma perspectiva bíblica, acho que devemos dizer que Israel desenvolveu seu senso histórico distinto porque, em vez de descobrir Deus na natureza, como muitos ao seu redor fizeram — portanto, um Deus Sol, um Deus Tempestade, um Deus Fertilidade, etc. Israel veio a conhecer Deus em eventos históricos, sim, mas em eventos históricos, pois estes foram anunciados com antecedência e posteriormente interpretados para ela pelos profetas.

O erro de Wright em sua análise desta questão foi que ele negou a existência e a importância do que poderíamos chamar de “revelação da palavra”. A Palavra divina, falada pelos profetas do Antigo Testamento, não recebe atenção suficiente na análise de Wright. Ele limitou a revelação divina à revelação em e através da experiência de eventos históricos. No Antigo Testamento, no entanto, descobrimos que Deus se fez conhecido ao seu povo tanto falando quanto agindo — isto é, tanto pela palavra quanto pelo evento. A revelação no Antigo Testamento não é encontrada em uma palavra que surge por interpretação cega de um evento — isto é, por inferência, como Wright diria a partir da experiência histórica. Em vez disso, a revelação no Antigo Testamento consiste em uma palavra que é posteriormente confirmada por um evento. As palavras de Deus e os atos de Deus se encaixam de uma maneira na qual Deus se compromete, verbalmente, a fazer algo e então confirma essa palavra como uma palavra confiável ao fazer precisamente o que Ele disse que faria.

Há inúmeros exemplos disto que podem ser encontrados no Antigo Testamento. Como Geerhardus Vos, em um ensaio chamado “A Ideia da Teologia Bíblica”, colocou tão bem: “Sem os atos de Deus, as palavras seriam vazias”. Ou seja, se Deus não fizesse o que disse que faria, suas palavras não teriam valor. “Sem os atos de Deus, suas palavras seriam vazias, mas sem suas palavras, seus atos seriam cegos”. Ou seja, sem a revelação

da palavra, o significado da história sempre permaneceria um mistério. Você só precisa olhar ao redor e tentar interpretar a história você mesmo hoje pela observação do processo histórico. Todo mundo que faz isso chega a uma conclusão diferente. Sem suas palavras, os atos seriam cegos.

Às vezes, atribuir valor histórico às narrativas do Antigo Testamento tem sido desafiado por causa de sua perspectiva excessivamente religiosa ou teológica, bem como porque às vezes as relações causais não são claramente delineadas. O caráter religioso ou teológico das narrativas históricas do Antigo Testamento é bastante aparente para qualquer um que leia o Antigo Testamento. Mas o que quero dizer com a falta de atenção às relações causais nas narrativas históricas do Antigo Testamento? Deixe-me dar alguns exemplos. Em Juízes 6:1, você lê: “Mais uma vez os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do Senhor, e durante sete anos ele os entregou nas mãos dos midianitas .” Há uma declaração muito semelhante em Juízes 13:1: “Os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do Senhor, por isso o Senhor os entregou nas mãos dos filisteus durante quarenta anos.”

Ao ler isso, você pode perguntar: "Onde estão os detalhes que explicam como Israel foi entregue nas mãos dos filisteus por quarenta anos? Quais foram as forças econômicas? As forças sociais? Os fatores militares que permitiram que isso acontecesse?" Há muitos hoje que diriam que a ausência frequente de informações que expliquem relações causais, como as descritas em Juízes 6:1 e 13:1, desqualifica as narrativas do Antigo Testamento de serem consideradas como escrita histórica legítima. Agora, ao avaliar tais preocupações, acho importante lembrar que o foco central do Antigo Testamento está em algo bem diferente do que em quaisquer outros escritos históricos. A preocupação central da narrativa bíblica é descrever o que Deus fez na história para se revelar e redimir Seu povo. A história do Antigo Testamento é, então, o que pode ser adequadamente descrito, na minha opinião, como uma história de redenção. Os incidentes registrados na narrativa do Antigo Testamento são significativos por causa de sua relação com as obras contínuas de revelação e redenção de Deus. O que é importante em conexão com a obra reveladora e redentora de Deus encontra seu lugar na

narrativa bíblica. O que não é importante em conexão com as obras de revelação da redenção de Deus é ignorado ou mencionado apenas em poucas palavras como forma de transição para questões de maior significado na história redentora.

Às vezes, argumenta-se que esse caráter da narrativa histórica do Antigo Testamento lhe confere algum tipo de preconceito religioso ou teológico que, então, enfraquece seu valor como escrita verdadeiramente histórica, porque não se qualifica como “historiografia objetiva”.

Certamente não se pode negar que a escrita histórica da Bíblia tem um caráter religioso ou teológico distinto. Obviamente tem. Não era o propósito dos escritores fornecer algum tipo de descrição imparcial ou neutra dos eventos que eles retrataram. Na verdade, pode-se questionar se algo como “historiografia objetiva” no sentido de algum tipo de relato objetivo completamente neutro de coisas que aconteceram é mesmo possível. Na análise final, acho que devemos dizer que toda escrita histórica é interpretativa. Então, podemos dizer que há historiografia confiável, ou historiografia não confiável, mas toda escrita histórica requer que os eventos sejam vistos de uma certa perspectiva que governará a escolha do material e a avaliação de sua significância ou significado. Nessa medida, nenhuma escrita histórica é estritamente objetiva, e a escrita histórica não pode ser de outra forma. Mas isso não torna toda escrita histórica não confiável ou indigna de confiança.

Com relação às narrativas do Antigo Testamento, sim; elas são caracterizadas por uma orientação religiosa ou teológica que determina a seleção e avaliação das coisas relatadas. E sim, em muitos casos, as relações causais não são totalmente explicadas. Mas tais características da narrativa bíblica não diminuem de forma alguma sua legitimidade como fontes de informação histórica. O ponto é que as narrativas bíblicas descrevem coisas que aconteceram, e esses eventos encontram seu significado ou sentido em conexão com a grande obra de redenção de Deus. Então, como já indiquei, podemos dizer que a história do Antigo Testamento é melhor descrita como uma história de redenção. A importância desse conceito para entender os escritos históricos da Bíblia — na minha opinião — não pode ser superestimada, e a razão para isso é esta: a mensagem da Bíblia

está inseparavelmente unida à história que ela descreve. A história que ela descreve é a história da obra redentora de Deus. Se os eventos dessa história não aconteceram, então nossa fé se torna um salto irracional e é vã. É vazia e um autoengano. Nossa fé repousa nas palavras e atos de Deus na história humana. Paulo colocou isso de forma muito sucinta e contundente, quando disse: “Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é vã”. Por esta razão, podemos ser gratos por Deus não ter apenas agido na história humana para prover nossa redenção, mas que Ele também falou e nos deu um registro confiável de sua obra e plano redentor. Como Pedro disse: “sobretudo, saibam que nenhuma profecia da Escritura foi produzida por interpretação própria dos profetas. Pois a profecia nunca teve origem na vontade humana, mas os profetas [embora humanos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1:21).

Agora, com isso como uma espécie de pano de fundo para olhar a natureza da escrita histórica do Antigo Testamento, quero prosseguir para a leitura de Primeiro e Segundo Samuel de uma perspectiva histórica redentora. Parece-me que o caráter da historiografia do Antigo Testamento sendo que ela é história redentora requer que então coloquemos narrativas históricas bíblicas naquele fluxo do movimento da história redentora.

Então, vamos dar uma olhada em Primeiro e Segundo Samuel. Gostaria de começar com alguns comentários introdutórios sobre os livros em si e a primeira coisa que veremos a esse respeito são alguns comentários sobre o nome dos livros. O nome "Samuel" é tirado da pessoa que foi proeminente na primeira parte deste longo livro de Primeiro e Segundo Samuel. Eu poderia dizer que Primeiro e Segundo Samuel contém 55 capítulos: 31 capítulos em 1 Samuel, 24 capítulos em 2 Samuel. Então, é um livro longo.

Samuel foi a pessoa que foi o instrumento de Deus para ungir Saul e Davi como os dois primeiros reis de Israel. O estabelecimento da realeza em Israel pelo profeta Samuel e a descrição dos reinados dos dois primeiros reis de Israel, Saul e Davi, é o que Primeiro e Segundo Samuel tratam. Embora esteja claro que Samuel não foi o autor do livro porque sua morte está registrada em 1 Samuel 25:1, é provável que o autor, quem quer que tenha sido, tenha usado material escrito por Samuel, bem como outros profetas na

época, sobre eventos que eles tinham testemunhado ou com os quais estavam familiarizados. Digo isso porque 1 Crônicas 29:29 e 30 diz: "Quanto aos eventos do reinado de Davi, do começo ao fim, estão escritos nos registros de Samuel, o vidente". Agora, isso não é Primeiro e Segundo Samuel, mas deve ter havido material escrito da mão de Samuel. Os registros do profeta Natã e os registros de Gade, o vidente, Natã e Gade também desempenharam um papel na vida de Davi, juntamente com os detalhes de seu reinado, poder e circunstâncias que o cercavam, a Israel e aos reinos de todas as outras terras.

Primeiro e Segundo Samuel eram originalmente um único livro ou pergaminho. A divisão em duas partes foi feita — até onde sabemos — pelos tradutores da Septuaginta, uma tradução grega do hebraico do Antigo Testamento, e como eles a dividiram em dois livros, a morte de Saul em 1 Samuel 31 pareceu ser um lugar apropriado para colocar uma divisão e terminar o livro de 1 Samuel, assim como as mortes de Moisés e Josué são descritas nos últimos capítulos de Deuteronômio e do livro de Josué. O nome ou título dos livros variou ao longo do tempo. Sendo designados Primeiro e Segundo Livros de Reinos na Septuaginta, e porque o que conhecemos como Primeiro e Segundo Samuel eram chamados Primeiro e Segundo Reinos, isso significa que o que conhecemos como Primeiro e Segundo Reis eram chamados Terceiro e Quarto Reinos, e então uma ligeira modificação disso na tradução da Vulgata onde o título era para Primeiro e Segundo Samuel, Primeiro e Segundo Reis e o que conhecemos como Primeiro e Segundo Reis se tornaram Terceiro e Quarto reis. Agora eu digo isso porque você pode ir a uma biblioteca algum dia e ver um comentário sobre Terceiro Reis e Quarto Reis e se perguntar: "Onde está isso? Eu não tenho esse livro na minha Bíblia." Ele vem da antiga tradição dos títulos na Vulgata Latina. A designação do livro com o título Samuel vem da tradição judaica. Então esses comentários são apenas de uma forma geral sobre os livros em si.

Deixe -me agora passar para uma breve pesquisa do conteúdo de Primeiro e Segundo Samuel, e sugerir o que, na minha opinião, é o tema principal do livro. Primeiro e Segundo Samuel é colocado entre Juízes e Reis. Claro que no final de Juízes você tem o livro de Rute que se passa no tempo de Juízes, mas Samuel se torna entre o livro de

Juízes e Primeiro e Segundo Reis e trata do período da história que começa com o fim do período dos Juízes e termina pouco antes da morte de Davi. A morte de Davi é realmente descrita nos primeiros capítulos de 1 Reis. Ele se preocupa com o período de 130 anos, cerca de 1100-970 a.C.

O livro não nos dá uma história política detalhada desse período de tempo, mas é composto, em sua maior parte, por uma coleção de histórias biográficas centradas em torno dos três líderes proeminentes de Israel durante esse período de tempo, a saber: Samuel, Saul e Davi. Na minha opinião, o que une essas narrativas e dá uma unidade ao livro é o tema da realeza e da aliança. Ao ler Primeiro e Segundo Samuel, acho que você descobrirá que o primeiro parentesco, conforme solicitado pelo povo em 1 Samuel 8, era uma negação da aliança. Em segundo lugar, a realeza instituída por Samuel, conforme encontrada em 1 Samuel 10:17-27 e 11; 14:12-25, a realeza foi instituída por Samuel, era consistente com a aliança. Em terceiro lugar, a realeza praticada por Saul não correspondia ao ideal da aliança, e os capítulos principais ali são 1 Samuel 13 e 1 Samuel 15. Em quarto lugar, a realeza praticada por Davi era uma representação imperfeita, mas verdadeira, do ideal do rei da aliança, e você encontra isso no livro de 2 Samuel.

Quero retornar a esse desenvolvimento quádruplo do tema da realeza e do convênio em Primeiro e Segundo Samuel depois de concluir esses comentários introdutórios sobre Primeiro e Segundo Samuel. Então, voltando a um pouco mais de introdução aos dois livros. Os dois livros como um todo podem ser divididos em três seções conectadas com as vidas das três figuras principais: Samuel, Saul e Davi. Você descobre que Samuel é a figura mais proeminente em 1 Samuel capítulos 1-12. Você lê sobre seu nascimento, sua vinda como profeta, sua unção final de Saul para ser rei. Nos capítulos 13-31 de 1 Samuel, Saul é a figura proeminente. Ele se tornou rei nos capítulos 8-12. Ele realmente começa seu reinado no capítulo 13. Então, do 13 até o final do livro, você tem o foco principal em Saul, embora neste certo ponto Davi entre em cena e você veja a tendência descendente de Saul e a ascensão de Davi ao trono. E então 2 Samuel 1-24, Davi é a figura mais proeminente. Então, se você olhar para essas três seções, 1-12 de 1 Samuel, Samuel; 13-31 de 1 Samuel, Saul; e a totalidade de 2 Samuel, Davi; você verá

que essas seções ocupam respectivamente 17, 34, 45 páginas na Bíblia hebraica. Observe que a seção de Davi é de longe a maior, e eu acho que isso em si é uma indicação de que o autor deseja destacar para nós o reinado de Davi.

Agora, para algumas observações finais nesta seção introdutória, quero chamar sua atenção para três avanços significativos na história da redenção que são encontrados em Primeiro e Segundo Samuel. Se o material histórico do Antigo Testamento for corretamente entendido como uma história da redenção, quais são os eventos significativos proeminentes em Primeiro e Segundo Samuel que movem essa história da redenção para a frente? Quero chamar sua atenção para três coisas. Primeiro, Samuel registra o cumprimento da promessa de Deus a Abraão sobre a extensão da Terra Prometida. Vou mencionar todos os três e depois voltar e olhar para cada um com um pouco mais de detalhes, mas primeiro, você encontra um cumprimento da promessa de Deus a Abraão sobre a extensão da Terra Prometida. Segundo, Samuel registra como Jerusalém se tornou o centro político e religioso de Israel. Terceiro, e mais importante, e é aqui que passaremos a maior parte do nosso tempo, 1 Samuel descreve o estabelecimento da realeza em Israel e associa a unção com a realeza. Agora você pode perguntar por que isso é importante? Veremos isso um pouco mais tarde. Mas me parece que esses são três eventos no movimento de avanço da história redentora encontrados em Primeiro e Segundo Samuel que são de enorme significância. Vamos dar uma olhada em cada um deles brevemente.

Primeiro, 2 Samuel registra o cumprimento da promessa de Deus a Abraão sobre a extensão da Terra Prometida. A promessa de Deus a Abraão de que seus descendentes possuiriam a terra de Canaã foi um dos elementos centrais da aliança de Deus com Abraão. Você encontra referência à terra prometida em Gênesis 12, quando a aliança foi originalmente apresentada a Abraão, Gênesis 12:7. É elaborado em Gênesis 15:18-21, onde as fronteiras para esta terra são descritas. Foi confirmado ainda mais em Gênesis 17:8 e repetido em vários outros lugares, incluindo Números 34:1-12, Deuteronômio 1:7, Deuteronômio 11:24, Josué 1:4, Salmo 105:8-11, e há outros lugares também. Essa promessa a Abraão foi inicialmente cumprida quando Israel tomou a terra de Canaã na

época da conquista sob a liderança de Josué. Em Josué 11:23, lemos: “Então Josué tomou toda a terra, como o Senhor havia ordenado a Moisés, e a deu por herança a Israel, segundo as suas divisões tribais.” E você pode pensar: “Bem, aí está o cumprimento.” No entanto, se você for até Josué 13, você lerá que aquela conquista inicial ainda deixou grandes áreas de terra a serem tomadas, e as várias tribos não completaram o trabalho em seus próprios territórios. Você lê mais detalhes sobre isso em Juízes, capítulo um. E, além disso, a promessa a Abraão descreve fronteiras que se estendiam até o Egito até o Rio Eufrates. O cumprimento desta promessa não veio até o reinado de Davi. Você lê sobre isso em 2 Samuel 8, onde há uma lista das conquistas de Davi. Davi não apenas derrotou os filisteus que eram a ameaça imediata, após a morte de Saul, mas estendeu a soberania de Israel até o Rio Eufrates. Não vou perder tempo lendo isso em 2 Samuel 8, mas o registro está lá. Quando você vai para 1 Reis 4, Davi entrega seu reino a seu filho Salomão. Você lê ali que as fronteiras se estendiam até o Eufrates. Então, em 1 Reis 4: 21 e 24, você descobre que a promessa dada a Abraão foi cumprida.

Então eu acho que você pode dizer que nessas declarações um tanto mundanas de 2 Samuel 8, onde você tem essa lista das conquistas de Davi, há outra verdade profunda também, que é: Deus é fiel às suas promessas. O que Ele diz vai acontecer. Ele vai realizar o que Ele diz.

Durante o tempo de Samuel e Saul, a posse dos territórios prometidos a Abraão parecia impossível, provavelmente até impensável. Mas na providência de Deus, as grandes nações do Crescente Fértil; Egito, Babilônia, Síria, os hititas, foram levadas à fraqueza durante o reinado de Davi e o reinado de Salomão, de modo que seus reinos foram capazes de crescer até a extensão que o Senhor havia prometido a Abraão. Então há um passo no movimento de avanço da história redentora.

Um segundo; Samuel registra como Jerusalém se tornou o centro político e religioso de Israel. Depois que Davi subiu ao trono, ele tomou a cidade jebuseu de Sião e fez dela sua capital. Lemos sobre isso em 2 Samuel 5. Tornou-se o centro político de Israel. Em 2 Samuel 6, lemos sobre outro evento significativo. Davi em 2 Samuel 6 traz a

Arca da Aliança para Jerusalém, tornando-a não apenas o centro político, mas também o centro religioso da nação.

Esse ato carregava um significado simbólico muito importante; falaremos mais sobre isso mais tarde. Mas esse significado é que Davi ainda reconhecia Yahweh como o governante supremo da terra. Lembre-se da Arca da Aliança contendo as tábuas da lei dadas a Moisés no Monte Sinai era vista como um assento do trono de Yahweh. Embora Davi fosse o governante humano e o rei humano, sua vinda da Arca da Aliança para Jerusalém mostrou que ele considerava Yahweh como o rei divino de Israel e o soberano supremo de Israel.

Desde o tempo de Davi em diante, durante o resto do período do Antigo Testamento e até o tempo do Novo Testamento, Jerusalém permaneceu no centro das relações de Deus com seu povo escolhido, Israel. E continua assim até hoje. Falarei mais sobre isso mais tarde, quando discutirmos a realeza de Davi.

Mas então, em terceiro lugar, no que diz respeito aos avanços na história redentora, 1 Samuel descreve o estabelecimento da realeza em Israel e a associação da unção com a realeza. É no livro de Samuel que a frase “o ungido do Senhor” passa a ser usada como sinônimo de rei. O significado disso é visto quando se percebe que as palavras em inglês “ungido” e “messias” são a tradução e transliteração da mesma palavra hebraica *meshia* h, um substantivo que significa ungido vindo da raiz hebraica *mashah* que significa “ungir”. Então, as palavras em inglês para “ungido” e “messias” são a mesma palavra em hebraico.

Na língua grega, *christos* é a palavra usada para traduzir *meshia* h tanto na Septuaginta quanto no Novo Testamento. Esta palavra grega *christos* vem de uma raiz grega que significa “ungir” e, claro, é conhecida por nós pela transliteração “Cristo” em nossa versão da Bíblia em inglês. Então, as palavras “Cristo” e “Messias” que são tão familiares para nós hoje encontram seu cenário bíblico inicial em Primeiro e Segundo Samuel. Isso significa que as raízes da ideia messiânica, que é certamente um conceito bíblico muito importante, têm conexões significativas com as narrativas de Primeiro e Segundo Samuel.

As histórias de como Saul e Davi foram ungidos são encontradas em 1 Samuel 9:1-10,16 para Saul e 1 Samuel 16 para Davi. A designação, o ungido do Senhor como uma designação para o rei de Israel é encontrada em inúmeras vezes em Primeiro e Segundo Samuel. Em 1 Samuel 2:10, 24:10, 26:9, 2 Samuel 1:14, 1:16, 19:21, 22:51, 23:1, pode haver alguns outros.

É importante entender que o estabelecimento da realeza em Israel não aparece sem expectativa prévia. Ou seja, não vem do nada. É inicialmente aludido na promessa de Deus a Abraão e Sara de que reis virão deles e estarão entre seus descendentes, Gênesis 17:6 e 16. É mais explicitamente mencionado na profecia de Jacó sobre a tribo de Judá quando ele disse que "o cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de comando dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence" (Gênesis 49:10). Balaão profetizou que haveria um rei em Israel em Números 24:7 "seu rei será maior do que Agague, seu reino será exultado." E em 24:7-19 ele disse "uma estrela sairá de Jacó, um cetro se levantará de Israel, ele esmagará as testas de Moabe, o Éden será conquistado, um governante sairá de Jacó." Moisés, no capítulo 17 de Deuteronômio, incluiu a "Lei do Rei", assim chamada, em sua renovação da Aliança do Sinai nas planícies de Moabe, antecipando que o tempo da realeza chegaria em Israel.

No início de 1 Samuel, Ana antecipou o dia em que Deus daria poder ao seu rei e aumentaria a força do seu ungido. 1 Samuel 2:10 onde ela fala do "ungido e do rei", mesmo antes dos reis terem sido ungidos. Então, quando a realeza finalmente chegou, ficou claro que Deus pretendia que Israel tivesse uma linhagem de reis que antecipariam e apontariam para o grande rei messiânico do futuro. Não foi até 1 Samuel 8-12, no entanto, que a realeza veio a ser estabelecida em Israel.

1 Samuel 8-12 descreve o estabelecimento da realeza em Israel em 5 unidades literárias. As divisões de capítulos nos capítulos 8-12 realmente não estão nos melhores lugares, então deixe-me mostrar rapidamente como essas unidades narrativas se dividem. 1 Samuel 8 é o pedido de Israel por um rei; 1 Samuel 9:1 a 10:16, Samuel unge Saul em particular para ser rei; e você tem a unidade narrativa. Em 10:17-27, Samuel convoca uma assembleia de Mispá onde Saul é publicamente selecionado para ser rei. No capítulo

11, versículos 1-13, a escolha de Saul para ser rei é confirmada por uma vitória sobre os amonitas. E então em 11:14 a 12:25, o reinado de Saul é inaugurado. É inaugurado em uma cerimônia de renovação de aliança convocada por Samuel para ser realizada em Gilgal .

Quando lemos essas narrativas, acho que o que descobrimos é que, embora a realidade estivesse dentro do propósito de Deus para seu povo, ela não se originou da maneira que poderíamos esperar. Em 1 Samuel 8, encontramos os anciãos de Israel se aproximando de Samuel e pedindo que ele lhes desse um rei como as nações ao redor. Isso é 1 Samuel 8:5 e 1 Samuel 8:19 e 20. Mas os eventos do capítulo acontecem muito depois da descrição da libertação milagrosa de Israel dos filisteus, conforme descrito no capítulo 7. No capítulo 7, Samuel é reconhecido pela primeira vez como um juiz em conexão com aquela vitória sobre os filisteus. Mas no capítulo 8, ele já está em sua velhice. Lemos isso no versículo 8, e por causa de sua idade avançada, Samuel havia nomeado seus filhos Joel e Abias para ajudá-lo a tomar decisões legais. Mas, ao contrário de seu pai, eles perverteram a justiça por ganho monetário. Lemos isso em 1 Samuel 8:2 e 3. Isso deu aos líderes nacionais de Israel uma oportunidade de pedir a Samuel que desse ao povo, “um rei para nos julgar como todas as outras nações têm”. Versículo 5 – parece provável que a corrupção dos filhos de Samuel fosse uma desculpa conveniente usada para justificar seu desejo por um rei. Aqueles líderes realmente queriam algo muito mais abrangente do que meramente o discípulo dos filhos de Samuel. Eles queriam criar uma nova ordem social reestruturando a teocracia de uma forma que permitisse um rei humano. O papel que eles descreveram para o rei revela que sua motivação mais profunda surgiu de uma falta de confiança em Jeová muito mais do que de uma preocupação com a corrupção dos filhos de Samuel.

O pedido foi perturbador para Samuel, lemos isso no versículo 6. Não apenas porque ele levou para o lado pessoal, como uma insinuação de que ele não era mais suficientemente competente para fornecer liderança humana para a nação. Mas também ele ficou perturbado porque sugeria que uma teocracia direta, ou seja, uma em que somente Jeová governava a nação como rei divino de Israel, não era mais boa o suficiente

para Israel. O pedido implicava que Israel era inferior aos países vizinhos, simplesmente porque ela não tinha um rei humano para sair diante dela e liderá-la na batalha; lemos isso no versículo 20. Eles queriam um rei que saísse diante deles e os liderasse na batalha, particularmente diante das ameaças dos filisteus e amonitas.

No fundo, essa atitude era uma rejeição da realeza de Jeová e isso é declarado explicitamente no versículo 7, e é declarado novamente em 10:19, 12:12, 12:17, 12:19. Torna-se um tema que percorre 1 Samuel 8 a 12. Seu pedido por um rei era uma rejeição do Senhor que era seu rei. E, como tal, era uma negação da aliança. Esta era uma rejeição da própria coisa que separava Israel das outras nações. Foi uma negação da confissão do Salmo 44:2 a 8, onde você lê: “Tu, Jeová, expulsaste as nações pagãs pelo teu poder e deste toda a terra aos nossos antepassados. Esmagaste os seus inimigos e libertaste os nossos antepassados. Eles não conquistaram a terra com as suas espadas. Não foi o seu próprio braço forte que lhes deu a vitória; foi a tua mão direita e o teu braço forte e a luz ofuscante do teu rosto que os ajudou. Pois tu os amaste. Tu és o meu rei e o meu Deus. Tu comandas vitórias para Israel, somente pelo teu poder podemos repelir os nossos inimigos, somente em teu nome podemos pisotear os nossos adversários. Não confio no meu arco, não conto com a minha espada para me salvar. Tu és aquele que nos dá a vitória sobre os nossos inimigos; tu envergonhas aqueles que nos odeiam. Ó Deus, nós te damos glória o dia todo e louvamos constantemente o teu nome.” Essa deveria ter sido a confissão de Israel, mas esses anciãos vêm a Samuel e querem um rei como as nações ao redor para sair e liderá-los na batalha. Foi uma tentativa de substituir o governo de Jeová por uma instituição humana que fosse vista como mais visível, mais confiável e mais capaz de garantir a segurança da nação.

Apesar disso, o Senhor instruiu Samuel a atender ao pedido dos líderes israelitas. Ele disse a Samuel que a questão central não era tanto que eles o rejeitaram, isto é, Samuel, mas sim que eles rejeitaram a mim, Jeová. E que eles não queriam mais que Jeová fosse seu rei. Versículo 7: Então, enquanto Samuel foi instruído a dar a eles o que eles queriam, ele foi ao mesmo tempo instruído a avisá-los sobre o que ter um rei como as nações têm, o que isso implicaria; isso está no versículo 9. Se você ler os versículos 11

a 18, acho que eles são melhor compreendidos como uma descrição das práticas rotineiras de um rei típico de cidade-estado cananea daquela época. E você lê esses versículos, a palavra que se destaca e caracteriza claramente esses reis é a palavra "tomar". É usada quatro vezes nos versículos 11, 13, 14 e 16, e implícita várias outras vezes. Samuel disse aos líderes que um rei como os das nações vizinhas seria um rei que *tomaria* seus filhos, versículo 11. Ele *tomaria* suas filhas, versículo 13. Ele *tomaria* o melhor de seus campos e vinhedos, versículo 14. Ele *tomaria* um décimo de seus grãos, versículo 15. Ele *tomaria* servos e servas, versículo 16. Ele *tomaria* o melhor de seu gado e jumentos, versículo 16. Ele *tomaria* um décimo de seus rebanhos, versículo 17. E o resultado seria; o povo de Israel seria reduzido à escravidão, muito parecido com o que eles tinham experimentado no Egito.

Samuel deu-lhes esse aviso; mas o aviso caiu em ouvidos surdos. Depois de ouvi-lo, os líderes insistiram ainda mais fortemente do que antes; compare o versículo 5 e o versículo 20. Eles queriam um rei “para nos julgar e nos liderar na batalha”. Então eles queriam um rei pelos motivos errados; ainda assim Deus disse a Samuel três vezes neste capítulo: “Faça o que eles dizem”, nos versículos 7, 9 e 22. Aqui está uma situação em que o Senhor consentiu com o pedido perverso do povo, mas então transformou sua aspiração maligna em algo que acabaria funcionando para o bem da nação. Somos lembrados aqui, eu acho, das palavras de José, a seus irmãos em Gênesis 50 versículo 20; “Vocês pretendiam me prejudicar, mas Deus o tornou em bem, para realizar o que agora está sendo feito; a salvação de muitas vidas”. Quando a realeza foi finalmente estabelecida por Samuel e Saul foi apresentado ao povo, era um tipo diferente de realeza daquele que o povo havia pedido.

A realeza em Israel, conforme definida por Samuel, deveria ser uma realeza de aliança, ou seja, uma na qual os deveres e responsabilidades de um rei em Israel seriam radicalmente diferentes daqueles dos reis das nações vizinhas. A realeza em Israel seria projetada de uma forma que integrasse a realeza humana na administração da aliança. Então este capítulo, 1 Samuel 8, marca o início de uma nova iniciativa importante no plano de redenção de Deus. A realeza agora será incorporada aos propósitos redentores

de Deus para seu povo. À medida que a história de Israel se desenrolava, foi o fracasso consistente de seus reis humanos que eventualmente deu origem à esperança de um futuro rei messiânico, na linhagem de Davi, que seria humano e divino. Você vê esse tema cada vez mais desenvolvido nos livros proféticos, no final das contas será Jesus, a raiz e a descendência de Davi, Apocalipse 22:16, que cumprirá completamente este ideal do verdadeiro rei da aliança. Quando toda a história chegar à sua consumação final, o apóstolo Paulo nos diz que Jesus entregará o reino a Deus Pai, tendo destruído todo poder, autoridade e poder (1 Coríntios 15:24).

Transcrito por Maoike Baker, Megan Sideropoulous , Jake Curran, Tyler Berube, Sam Craig, Ashley Hall
e editado por Paul Fey
Editado por Ted Hildebrandt